

Bolsas refletem o nervosismo

No primeiro dia da semana, a Bolsa de Valores do Rio despençou 11,7 por cento e a de São Paulo, 14,78 por cento, em função do clima de intranquilidade que se abateu sobre o País. Na terça-feira, o pregão foi mais tranquilo, com recuperação nos negócios, e a partir de quarta-feira o clima foi abrandado pelo pronunciamento do presidente Collor, reagindo, a partir daí, com mais cautela às notícias sobre a evolução dos depoimentos na CPI, sem grande pressão sobre os negócios.

O ouro e dólar estiveram sob estreito controle do Banco Central, que tem realizado intervenções diárias nestes mercados, através de seguidos leilões de venda, evitando, desta forma, a especulação em função da deterioração do quadro político nacional. Prova disso é que na segunda-feira, a despeito da performance negativa das bolsas de valores, as cotações do ouro e do dólar paralelo apresentaram alta moderada.

Os possíveis desdobramentos da crise política também têm preocupado os bancos credores internacionais, o que tem obrigado o ministro Marcílio Marques Moreira a redobrar seus esforços no sentido de preservar a credibilidade do País frente a estas instituições, indispensável para o fechamento das negociações que estão ocorrendo em Nova Iorque, que deverão ser concluídas nos próximos dias.

Acordos — Até o momento, o Comitê Assessor de Bancos e o Brasil têm conseguido acordos mais vantajosos do que os realizados com a Argentina, que é

considerada universalmente um país menos arriscado do que o Brasil. Um exemplo é a taxa de juros mais baixa concedida ao Par Bond brasileiro em relação ao argentino, o que significa que na troca da dívida antiga ao par, o Brasil obteve maior desconto. Deve-se levar em conta que o montante envolvido não é nada desprezível, pois estimando-se que 40 por cento da dívida podem ser convertidos no Par Bond, o total deste papel é de 16,8 bilhões de dólares.

Outra questão discutida é o tratamento dos juros em atraso relativos a 1991 e 1992. A proposta do Brasil é aumentar de 30 para 50 por cento o limite de pagamento dos juros, o que implica num desembolso adicional de 400 milhões de dólares este ano, passando de 600 milhões de dólares para 1 bilhão de dólares.

Se os credores se preocupam, é natural que os investidores estrangeiros no País se retraiam, e é o que tem ocorrido nos últimos dias. Como reflexo da intranquilidade do investidor internacional, o Banco Central estima que a entrada de divisas em junho seja a menor desde novembro do ano passado, registrando um superávit cambial próximo a 1,8 bilhão de dólares.

Associado a isto, a média diária de contratos de exportação acusa queda de 182 milhões de dólares na primeira semana de junho para 115 milhões de dólares na última semana do mês. As importações, por outro lado, dispararam neste período, passando de 57,5 milhões para 92,5 milhões de dólares.